

Cenas musicais em Manchester: passado-presente

Music scenes in Manchester: present-past

Fabrício Silveira¹

RESUMO

Apresenta-se aqui um relato eminentemente pessoal, de caráter empírico, sobre algumas entradas de campo realizadas em Manchester, no norte da Inglaterra, entre fevereiro e maio de 2015, em uma investigação mais ampla sobre as cenas musicais locais. Procuramos dar destaque a eventos e casos colocados lateralmente em relação ao *mainstream* da indústria fonográfica hegemônica. É uma discussão, portanto, sobre *rock* independente, sobre ocorrências e estruturações sociais em curso no circuito *underground*. São apresentados materiais que nos permitem especular também sobre as relações entre os imaginários urbanos e as memórias produzidas (ou fixadas) pela música *pop*. É uma discussão, enfim, sobre as tensões entre o passado e o presente da música alternativa produzida na região.

Palavras-chave: Manchester, cenas musicais, música independente, *rock* alternativo.

ABSTRACT

What is presented here is an eminently personal narrative, of empirical character, about some field entries taken place in Manchester, Northern England, between February and May of 2015, in a broader investigation about local music scenes. We aimed at highlighting events and laterally-placed cases in relation to the mainstream of the hegemonic phonographic industry. It is therefore a discussion about independent rock, about social occurrences and acts of structuring happening underway in the underground circuit. The materials presented are ones which allow us to speculate also about the relations between urban imaginaries and produced (or fixed) memories by pop music. It is after all a discussion about tensions between the past and the present of alternative music produced in the area.

Keywords: Manchester, music scenes, independent music, alternative rock.

Febre editorial

Uma das primeiras boas impressões que tive, quando cheguei em Manchester, diz respeito à quantidade de material bibliográfico sobre música, crítica musical e, principalmente, sobre a cena local. Deparei-me com um volume considerável de publicações já na própria Uni-

versidade de Salford, onde gastei uma tarde, pelo menos, logo na primeira semana de fevereiro, vasculhando a biblioteca setorial do Departamento de Arts and Media. Fui informado, na sequência, de que havia ainda a biblioteca central, com um acervo muito maior, com outros tantos itens, documentos e periódicos à disposição.

Quanto às livrarias, uma delas me chamou a atenção: The Waterstones² (um nome, aliás, cheio de ressonâncias interessantes). Não sei, ao certo, se é a melhor

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil. Bolsista CAPES de Pós-Doutorado Sênior no Exterior (processo n. 5939-14-3), realizado junto à University of Salford, na Inglaterra (UK), entre fevereiro e julho de 2015. Email: fabricios@unisinos.br

² Cf. <https://www.waterstones.com/bookshops/manchester-deansgate>

ou a maior da cidade. Alguém me falou, até, que Manchester não possui livrarias assim tão grandes e tão fartas, sobretudo quando comparadas àquelas que poderemos encontrar em Londres³. De todo modo, um detalhe me deixou muito provocado: havia um setor inteiro dedicado à música popular urbana (e à cultura pop).

Nesse setor, há um espaço reservado unicamente para publicações relativas aos atores locais. São, por baixo, quatro livros sobre Tony Wilson e o Haçienda⁴ (Middels, 2002; Hook, 2009; Reade, 2010; Nolan, 2010), biografias (e autobiografias) de Mark E. Smith (Smith, 2009), Morrissey (Morrissey, 2013), Ian Curtis (Curtis, 1995; Middles e Reade, 2011), Shaun Ryder (Ryder, 2011), Noel Gallagher (Randall, 2013), Bez (!) (Bez, 2000) e Simon Wolstencroft (!)⁵ (Wolstencroft, 2014), dentre outros. Há livros sobre os Stone Roses (Robb, 2001; Spence, 2013), sobre os Happy Mondays (Spence, 2014), sobre o The Fall (Simpson, 2008; Goddard e Halligan, 2010; Hanley e Piekarski, 2014), sobre o Joy Division (Hook, 2012), sobre os Smiths (Fletcher, 2014; Rogan, 2012) e alguma coisa sobre a *Mad*Chester do final da década de 1980 (Haslam, 1999; Robb, 2009). Enfim, há uma quantidade de material que demanda, em um primeiro contato, como aproximação inicial, uma triagem e um mapeamento cautelosos.

Por um lado, é interessante ver como o temário geral da música *pop* tem rendido, como tem se tornado um tipo de capital cultural acumulado e valorizado na cidade. Talvez seja mesmo um dos principais produtos de exportação da região. Certamente, é positivo que seja assim – que seja uma espécie de febre bibliográfica –, pois são válidos registros de memória recente, são sinais de respeito ao passado próximo e são, de um modo ou de outro, mais do que mero oportunismo mercadológico, debates públicos sobre a cultura local, que vai assim se revendo e se repensando, continuamente.

Por outro lado, aos poucos, passei a me perguntar sobre a qualidade e a validade acadêmica desse material.

Tenho a impressão de que são, em sua enorme, quase absoluta maioria, livros escritos por jornalistas, ao modo de história oral, muitas vezes, como catálogos de bandas, como anedotário, depoimentos pessoais ou como coleção de entrevistas com músicos e outros atores envolvidos nos episódios relevantes da vida musical de *greater* Manchester.

Podem mesmo ser bons livros, agradáveis, sérios e bem concebidos. Mas, na verdade, estudos acadêmicos consistentes continuam sendo poucos – pelo que vi, naquele momento, ao menos. Ou seja: nosso cuidado é o de saber ler esses livros, utilizando-os como valiosíssimas fontes secundárias para novas problematizações, para novas investidas e para discussões que se dêem em outro nível de formalização e de apuro epistêmico. Afinal, em nosso caso, não se trata de contar uma história à qual já se tem bastante acesso ou de repetir informações que já estão em circulação. Não se trata de competir com esses escritos, de modo nenhum.

Nosso desafio é o de colocar esses dados sob outra perspectiva, construindo, com eles, discussões e descobertas teóricas que possam iluminá-los de outro modo, que possam inclusive fazer os fatos ganharem outras significações. Confrontá-los, portanto, aos materiais empíricos atuais (sobre Manchester, hoje) ou aos materiais que viemos obtendo em Porto Alegre, em um levantamento paralelo, pode ser algo imprescindível, talvez revelador. É também um modo de resistir à sedução dessa bibliografia, de apreendê-la em chave crítica e renovadora.

Manchester, hoje

Esse generoso acervo bibliográfico ajuda a construir (ao mesmo tempo em que decorre da construção de) uma “Manchester mítica”⁶. Para além dela, no entanto, me deparei com uma série de discursos sociais – jornalísticos,

³ A loja da Waterstones situada na região de Piccadilly, em Londres, por exemplo, é a maior livraria da Europa, com mais de 150.000 títulos disponíveis em estoque.

⁴ O Haçienda é hoje um tipo de condomínio de luxo, com diversos apartamentos, escritórios e salas comerciais. Em um dos lados do prédio, há um memorial em homenagem àquele que já foi considerado o *nightclub* mais importante e mais influente do mundo.

⁵ Simon Wolstencroft é um baterista que participou de várias formações, de várias bandas locais. Notabilizou-se por haver tocado com o The Fall, com os The Smiths e com os Stone Roses, antes desses conjuntos se tornarem famosos. Bez, ao seu tempo, ficou conhecido como o tocador de maracas, o incansável dançarino dos Happy Mondays. Ambos pertencem a uma estranha linhagem de (para-)celebridades subculturais.

⁶ Esta compreensão romantizada, apegada aos dias e aos feitos gloriosos, transparece, com sutileza distinta, em filmes como *24 Hours Party People* (Winterbottom, 2002) e *Control* (Corbijn, 2007). Ambos foram discutidos por Prysthon (2008a, 2008b), abordados pelo viés da nostalgia, da ironia (auto)reflexiva e da imaginação melancólica, às quais estariam dando fluxo. A própria imprensa musical especializada também é um importante alicerce de um certo estereótipo e de uma certa mitificação da Manchester do começo da década de 1980.

sobretudo, mas tambm discursos correntes, de pessoas comuns, moradores nativos, migrantes antigos, estudantes recém-chegados, com os quais conversei, informalmente – sobre o *presente* da cidade, uma cidade sempre em vias de modernizaçao, colocada diante de novos desafios, novos rumos de desenvolvimento. Curioso, aqui, é o fato de que o passado *pop* – o glorioso passado *pop!* – se recoloca como sombra, como parâmetro exigente. Não é fácil lidar com ele. Instala-se, assim, uma equaçao difícil de ser solucionada.

Uma destas matérias – “This charming Manchester: is Morrissey’s city still recognisable?”, escrita por Alec Herron, publicada no jornal *The Guardian*, no começo de fevereiro – tomava justamente a cidade cantada pelos Smiths, a Manchester dos afetos e da observaçao mordaz de Morrissey, como critério de avaliaçao dos reordenamentos urbanos dos últimos trinta anos.

O texto de Herron é quase uma investigaçao sobre uma *cidade imaginada*, é um escrutínio detalhado, tanto quanto possível, obviamente, daquilo que foi interpretado pelos rapazes do grupo, a partir de suas músicas e das experiências pessoais ali traduzidas. Produz-se então a justaposiçao entre duas paisagens, dois “recortes” da mesma cidade: uma, afetivamente vivida, tornada repertório e lembrança geracionais; outra, sociologicamente vivida, tornada reconhecimento, “choque de realidade”. O que resulta disso é a impressao de um *presente composto*, denso de memória e nostalgia. Mas é um presente ambíguo, em uma composiçao viva, pulsante, que se pode entender como denúncia ou evocaçao, talvez ambas.

Diz Herron (2015, p. 1, traduçao minha):

Desde então, a cidade foi bombardeada pelo IRA e teve seu centro reconstruído; já recebeu os Commonwealth Games e testemunhou três décadas de rápido crescimento e regeneraçao. Ao longo do caminho, locais emblemáticos na história dos Smiths desapareceram ou se transformaram, ganharam uma nova cara: o lugar de seu segundo show, a casa noturna Hacienda, foi demolida e um bloco de apartamentos de luxo cresceu em seu lugar; Rafter, o clube underground onde a banda tocou logo depois, é agora um [supermercado] Tesco Express.

Muita coisa mudou em Manchester, por suposto. O reconhecimento de partida é justamente esse. Cabe, porém, averiguar a natureza dessas mudançao, suas razões, sua envergadura e o panorama futuro que elas desenham. Herron destaca os cenários emblemáticos no imaginário dos Smiths: Salford Lads Club, Ancoats, Manchester Central e Whalley Range..., descrevendo-nos, brevemente, a situaçao em que esses locais se encontravam no começo da década de 1980, o que a banda fez deles, tomando-os como ambientaçao a ser transfigurada musicalmente, e o que se tornaram hoje, objetos das políticas públicas de reordenamento imobiliário, das açoes comunitárias, das retóricas e dos investimentos empresariais ou mesmo das sucessivas apropriaçoes dos fãs de música *pop*.

Compõe-se, em síntese, um quadro positivo, embora certos problemas – parece inevitável! – ainda permaneçam: a ameaça constante da criminalidade, o tráfico de drogas, a qualidade e o preço do transporte público, o acesso à empregabilidade formal, os desafios de uma multiculturalidade inclusiva.

Nesse contexto, sob novas regulaçoes e regulamentaçoes, emerge então uma cidade distinta: não mais a cidade pós-industrial decrépita, empobrecida, assolada pelo desemprego em massa, a mão de ferro de Margaret Thatcher; não mais a arquitetura monótona, das instalaçoes precárias, adaptadas dos galpões e das fábricas abandonadas. Emerge uma outra Manchester, reordenando-se, reconstruindo a própria imagem, adequando-se aos novos ritmos e aos novos rumos do presente.

Esse tom de saudaçao de uma cidade renovada, em nova fase de crescimento e pujança, é saliente no artigo do jornalista David Atkinson, publicado em 18 de março, no site *Rough Guide*. O título é enfático: “10 reasons why Manchester is the UK’s new cultural hotspot” (Atkinson, 2015). As razões listadas são complementares⁷, parecem mesmo se corresponder e parecem apontar para uma tentativa em curso, por parte da administração pública, de promover a retomada de uma *vocaçao criativa* (focada na invençao, na cultura e no entretenimento), que foi se afirmando, como lastro histórico implicado, um lastro *secundário*, no contra-fluxo dos processos de industrializaçao

⁷ Os motivos relacionados por Atkinson são os seguintes: (1) a Galeria Whitworth, reaberta, depois de receber investimentos da ordem de 15 milhões de libras; (2) os cinemas e os centros de convençoes e arte, em especial o projeto Home, inaugurado em maio/2015, também com vultuoso apoio do poder público; (3) o MIF, Manchester Internacional Festival, que vem sendo apontado como um dos mais dinâmicos festivais de arte do mundo; (4) três ótimas e enormes bibliotecas públicas (Manchester Central Library; Portico Library e Chetham’s Library); (5) as cenas musicais, *of course*; (6) a vida noturna e a vida comercial da região de Northern Quarter, berço do Northern Soul; (7) os Museus à memória da Revoluçao Industrial; (8) a quantidade de bons hotéis e *hostels* à disposiçao; (9) a cena gastronômica, com a chegada (a “importaçao”) de *chefs* mundialmente renomados; (10) as boas condições para novos empreendimentos na cidade, tomando-se como guia o projeto The Factory, que faz mençao à badalada Factory Records e que pretende se constituir, nos próximos anos, como um polo de integraçao e fomento culturais. Cf. Atkinson (2015).

e des-industrialização. E isso não deixa de ser também um reencontro com a “MCR mítica”. Nada mais lógico, portanto, que o legado da música *pop* seja reexaminado, ganhe nova avaliação, novo balanço.

É o que acontece no documentário *Manchester: Beyond Oasis*, dirigido por Brett Gregory (2012). O filme, como falou Holden (2012, tradução minha), na ocasião em que foi lançado, tenta “apagar o estereótipo da cena musical passada de Manchester e introduz uma gama de artistas emergentes, ao mesmo tempo em que documenta o modo como eles trabalham juntos para manter a alma musical da cidade”. São vários depoimentos mostrados. Temos acesso às opiniões de músicos, empresários locais, produtores e críticos musicais. São mais de quarenta artistas⁸, apontando, no conjunto, para uma infinidade de formatos, tendências e gêneros da música *pop*. É uma diversidade enorme. É impossível localizar ali um padrão estável, um núcleo estilístico comum. Há quase tudo: *electro rock*, *garage bands*, *folk*, *Irish folk*, *hip hop*, *gangsta rap*, *electro dance music*, guitarra flamenca, psicodelia e tantas outras variações... No entanto, todos eles compartilham algo: parecem carregar o peso de um rótulo, de uma expectativa especial, com os quais precisam lidar, com os quais são confrontados, sem apelo e sem trégua.

Praticamente um ano antes do filme de Brett Gregory, em publicação no jornal *The Guardian*, Dave Simpson (2011) havia sumarizado o mesmo desconforto, coletando falas de vários jovens músicos nascidos e atuantes

na região. “It is difficult if you’re a new [...] band”, diz um deles. “There is an Oasis-shaped cloud over the city”, considera um outro. Todos aparecem ali tentando exorcizar os fantasmas da cidade (“the ghosts of Manchester past abound”) e aprender a viver com eles. Os irmãos Gallagher, Peter Hook, Ian Brown e, acima de todos, Ian Curtis, são essas entidades espectrais, que despertam emoções confusas e reações contraditórias: admiração, ímpetos desconstrutivos, desrespeito⁹, fingido desconhecimento, vontade de fugir, sair correndo.

Estaria em curso, segundo Simpson, um câmbio geracional (*a generational shift*) na música mancomuniana. Os predecessores, os pioneiros das décadas de 1970 e 1980 deixaram uma marca indelével, uma cicatriz incômoda, da qual se pode ter orgulho ou vergonha. Mas não se pode fazê-la desaparecer.

Seja como for, o fato é que hoje Manchester é uma cidade vibrante. Julgando-se pelo que constava disponível no site *Songkick.com* (<http://www.songkick.com>), na segunda semana de fevereiro, seriam mais de 1.400 eventos musicais até o final de julho¹⁰. Nessa oferta, além da própria quantidade de *gigs*, concertos e opções de música ao vivo – uma oferta verdadeiramente considerável, que excedia em muito qualquer possibilidade de acompanhamento integral¹¹ –, muitas curiosidades e muitos detalhes pitorescos chamavam a atenção. Por exemplo: as bandas-tributo com nomes estranhos, como The Fallen, The Smyths, Unhappy Mondays e Noasis; além disso, a

⁸ A lista é extensa. Quase perdemos a conta: The Beats and Pieces Big Band, The Ironweed Project, HeavyFeet, Santiago Street Machine, Extra Love, Louis Barabbas and The Bedlam Six, Patrick Briscoe, Kirsty Almeida, Becca and The Broken Biscuits, The Christophers, May68, Golden Glow, The Kill Van Kulls, Murkage, Hologram Heart Parade, James Kelly, Driver Drive Faster, The Jade Assembly, R.I.O., Jeremiah Ferrari, I Am Kloot, Lou Rhodes, The Whip, Brown Brogues, The Cape Race, From The Kites of San Quentin, John Fairhurst, Ten Bears, Spokes, Milk Maid, The Travelling Band, Seeräuber Jenny, Kid British, Nancy Elizabeth, The Slow Readers Club, Rae Morris, The Lottery Winners, Victorian Dad, Suzuki Method, Young British Artists, Blind Atlas, Fingathing, Danny Mahon.

⁹ Há, inclusive, um *blog* de “MadChester deniers”, um grupo autointitulado FUC51. Em abril de 2015, no entanto, estava bastante desatualizado. As últimas postagens remetiam a 2010. Mesmo a página do Facebook, mantida pelos mesmos detratores da “velha guarda”, parecia pouco utilizada, com os posts mais recentes datados de maio de 2012 (ver <http://fuc51.blogspot.co.uk>; <https://www.facebook.com/pages/Fuc51/296311131505>).

¹⁰ Esses mesmos números eram referendados por outros sites e outras plataformas para aquisição de ingressos, tais como www.ticketmaster.co.uk/feature/manchester-guide.html ou www.allgigs.co.uk/whats_on/Manchester. Apenas para efeitos de ilustração: em Londres, no mesmo período, contabilizava-se mais de 4.000 eventos. A questão é: como avaliar tais informações? Acaso haveria, proporcionalmente, maior movimentação musical em Manchester? São índices objetivos que merecem interpretações complexas, contextualizadas, multifatoriais e não deterministas.

¹¹ Há uma evidente dimensão de histeria em torno da cultura *pop* (e da música *pop*, especialmente). Como sabemos, esse é o terreno das obsessões e das paixões desenfreadas (cf. Silveira, 2013). Aliás, em acréscimo, há um grau de histeria inerente às práticas e aos discursos do consumo. Seria instigante, portanto, a título de experimento sociológico, discutir e explorar metodologicamente a histeria, valorizá-la, esvaziando-a da carga pejorativa que tem, das determinações e dos usos psicanalíticos que lhe restringem. O documentário *Super Size Me*, dirigido por Morgan Spurlock (2004), esboça uma crítica situacionista justamente pelo viés da histerização das mensagens publicitárias, dos imperativos de marca. É um caso ilustrativo, já debatido por Eloy Fernández Porta (2008). É apenas um, dentre tantos outros produtos midiáticos que histerizam, aceleram ou levam ao absurdo paradoxal os apelos do consumo. Na mesma linha, o que aconteceria se eu me dedicasse, histericamente, a frequentar *shows* de rock – frequentá-los até à minha completa falência física, social e financeira? Quanto tempo eu sobreviveria? Poderia resultar daí um bom experimento científico. Talvez um bom livro sobre música *pop*. Seria uma aventura “aceleracionista” (cf. Shaviro, 2015; Silveira, 2015).

ocorrncia de dois *shows* de George Clinton e Parliament Funkadelic, no mesmo dia, no mesmo horrio, em dois locais distintos.

Um dado mais relevante, no que toca à caracterizao das cenas locais e ao modo como a msica *pop* se faz ali dinamizar, é o generoso nmero de festivais, em formatos e concepes muito variadas: FutureEverything (<http://futureeverything.org>), Cosmosis (<http://www.facebook.com/cosmosisfestival>), Manchester Punk Festival (<http://manchesterpunkfestival.co.uk/site>), Sounds From the Other City (<http://www.soundsfromtheothercity.com>)¹², Gigantic (<http://www.gigantic.com>), Dot to Dot (<http://www.dottodotfestival.co.uk>) e Strummercamp (<http://www.strummercampfestival.co.uk>) – este ltimo, inteiramente dedicado a Joe Strummer, o saudoso guitarrista e vocalista do The Clash.

É nesse cenrio que fomos a campo, em mdia, trs ou quatro vezes por semana. Tentamos tirar o melhor proveito do calendrio abarrotado, sempre no intuito de obter uma imerso de carter etnogrfico e compreender, a partir da, as configuraes e os fluxos, a natureza mesma da msica *pop* na atualidade da cidade. Ateno especial ganharam os pequenos eventos, dedicados às experincias obscuras, aos artistas no estabelecidos, às margens relativas do mercado hegemnico. Assumir o *underground* como espao laboratorial nos pareceu mais apropriado, do ponto de vista metodolgico, para flagrarmos tanto as sobrevivncias mais romnticas quanto as emergncias estticas menos codificadas. Seria tambm um modo de nos comprometermos com as prticas locais, naquilo que tm de irredutvel e intransfervel, naquilo que no pode ser transportado.

Assim, ao longo do tempo, montamos um arquivo de imagens, um conjunto de notas, dirios de investigao, conversas e entrevistas informais. Abaixo, trazendo novos elementos ao debate, seguem dois breves relatos, duas breves amostras. Esperamos que tais descries possam se somar

aos demais dados coletados, permitindo, ao final, alguma sntese conclusiva sobre as filiaes identitrias, as tenses entre passado e presente na agitada cena de Manchester.

Islington Mill

No existem muitas maneiras de descrever um poro abandonado. Islington Mill é um antigo moinho, hoje transformado em um prdio com vrias salas de aula, salões para convenes, ateliês, estdios e escritrios de trabalho. No trreo, nos fundos laterais do prdio, há uma entrada para um espao úmido, relativamente grande. Ali dentro há um palco, alguns banheiros, alguns sofás e algumas mesas baixas. É um velho poro. Em um dos cantos, há um bar. Para entrar, como fizemos na primeira sexta-feira de maro, passamos por um corredor onde estavam expostos diversos cds, algumas camisetas e o *marketing* artesanal das bandas que iriam se apresentar naquela noite: Ten Mouth Electron, Mugstar, Drunk in Hell¹³ e Hey Colossus. Bem-vindo ao *underground* de Salford¹⁴!

A impresso é de que estamos em um lugar sujo e precrio. Aparentemente, sem uma estrutura ou uma organizao apropriadas. Há assentos e poltronas antigas, em uma distribuio irregular. O local no cheira bem. É úmido. No é um local estreito nem apertado. Ao contrrio, há muito espao. O palco é baixo. O som está excelente. Altssimo! As bandas me pareceram impressionantemente boas. Oscilavam, todas, em torno de uma sonoridade pesada, metlica, ora com acentos *punks* e pós-*punks*, ora em uma acentuao *kraut*, *grunge*, *stoner*.

O pblico é animadssimo, movimenta-se, como pode, ao ritmo das canes, acompanhando-as no batimento tradicional das cabeas. No há pogo. Há fumaa no ar. Umidade e fumaa. Chamam a ateno os arranjos

¹² Sounds From The Other City ocorreu em Salford, no comeo de maio, reunindo, basicamente, artistas locais, distribuídos em diversos pontos da regio: uma igreja, alguns bares, praas e espaos pblicos. Islington Mill foi um dos stios de referncia, onde se apresentaram algumas das principais atraes.

¹³ Dias depois, a banda disponibilizou, no YouTube, na íntegra, o vdeo da apresentao realizada em Islington Mill. É um registro interessante, que pode ser visto ora como complemento às descries feitas aqui, um tipo de atestao emprica adicional, de validade antropolgica, ora como roupagem, continuidade e desdobramento midiáticos de um evento social que guarda certa autonomia e tem certa antecedncia ou originalidade essenciais. O vdeo ainda poderia ser tomado, em si mesmo, como objeto de interpretaes e anlises variadas, produto midiático que é, colocado agora em novas circulaes, submetido às gramticas comunicacionais vigentes (<https://www.youtube.com/watch?v=-JBAIhXxBT4>).

¹⁴ Salford fica ao lado de Manchester. É uma cidade vizinha, independente, com cerca de 250.000 habitantes. É como se ambas estivessem unificadas, na proximidade, em uma só rea de conurbaao. A impresso imediata do turista e/ou visitante é a de que se trata de um nico conglomerado urbano.

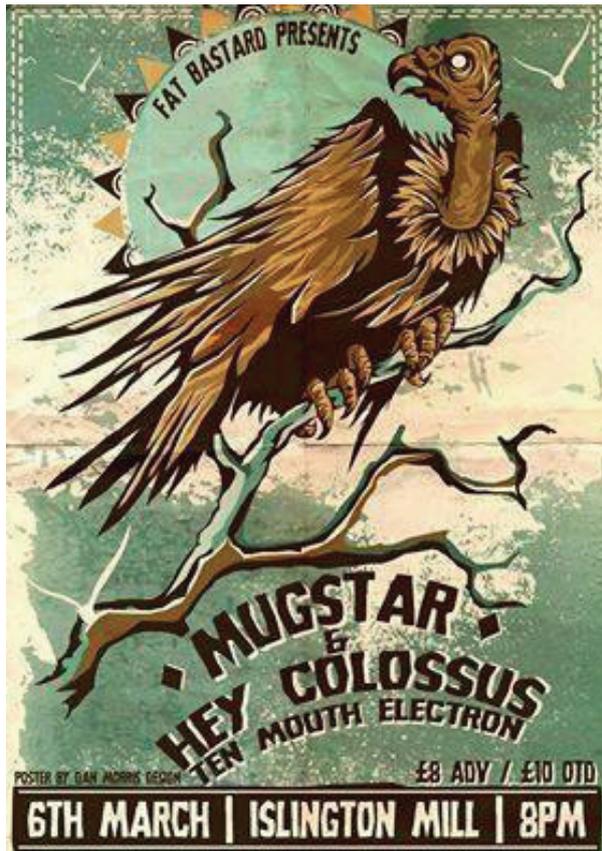


Figura 1. Flyer de divulgação.

Figure 1. Promotional flyer.

das canções. Não, necessariamente, a execução técnica, mas os arranjos, o modo como as composições são pensadas, com especificações claras para cada instrumento e cada instrumentista.

Fui apresentado a algumas figuras do *underground* local, um ex-integrante da banda GNOD, um ator de teatro de rua, um *noisician* dos arredores. “Islington Mill é como Berlin. É Berlin em Manchester!”, disse-me um deles. Descubro outros forasteiros no local: um sujeito de Birmingham, com quem me ponho a conversar, um sujeito de Portugal, que cumprimento com embaraço. Fui informado de que aqui ocorrem eventos regulares, sempre voltados aos estudantes, aos artistas residentes, aos interessados em geral, outros músicos e outros envolvidos na vida local. Percebo que ali está se tecendo, literalmente,

a cena, entendida como rede de parcerias, de informantes e apreciadores, músicos, afetos e desafetos, com suas reclamações em comum, com as desavenças e os dramas episódicos que já viveram. São as dinâmicas, enfim, de um agrupamento restrito, minoritário, em ebulição.

Outro dado digno de nota, quanto à sonoridade, em cima do palco, é justamente a influência ou a presença difusa, embora marcante, de bandas britânicas históricas, como Black Sabbath e Joy Division. Tudo soa familiar.

Sound Control

05 de abril de 2015. Domingo de Páscoa. Véspera de feriado. Dois conjuntos agendados para a *gig* daquele anoitecer¹⁵: A Place to Bury Strangers e September Girls. Mantém-se uma certa regularidade: a mesma presença estética, como influência, como memória quase inevitável, dos pesos-pesados do passado recente da cidade: o Joy Division, em particular, e o pós-*punk*, em geral. Estas são as matrizes discursivas revisitadas. Sound Control é uma casa situada no centro da cidade, muito próxima ao recém-fechado Cornerhouse, um conhecido cinema, *lounge* bar e café. É uma região de fácil acesso, em Whitworth Street. É outro porão, ao qual descemos após dois lances de escada. É um lugar úmido, como outros já vistos. Junto com Islington Mill, é um típico “*punk place*”, segundo a formulação de Brian Tucker (2012, p. 205). Ali se produz convívio e familiaridade, contato, contestação e ação política.

Há uma boa estrutura para *shows* pequenos, muito barulhentos, com pouco público, muita fumaça e muita cerveja na plateia. A banda de fundo era, sem dúvida, a grande atração da noite. Prometia-se barulho ensurdecedor. Logo na entrada, haviam fones de ouvido colocados à venda. Era, inclusive, recomendado, de fato, que fossem utilizados.

Outra recorrência: a oferta dos materiais relativos às bandas, os cds já lançados, broches, camisetas e outras peças de divulgação. Percebe-se uma cena autoalimentando-se: os músicos se conhecem, consomem os próprios trabalhos. Ambas as bandas eram boas, como me pareceu, mais uma vez. A primeira, a banda das meninas escocesas do September Girls, apostando em um *pop* forte, dançante,

¹⁵ Os *shows* de música ao vivo começam por volta das 20h, quase invariavelmente. As casas de espetáculos abrem às 19h. Antes das 24h, devem estar fechadas. É uma regra respeitadíssima. Apenas eventos especiais, grandes concertos, em casas específicas, nos finais de semana, fogem à norma.

bem feito, sem arroubos, sem nenhuma outra qualidade mais saliente. Um *power pop* elegante e regular, de forte orientao pps-punk.

Em seguida, a atrao mais esperada. Refletores voltados ao pblico. Muito volume. Muita microfonia. Acento *shoegaze* pronunciadssimo. Tmpanos vibrando no limite. Ponto alto do *show*: quase no encerramento do *set*, a banda sai do palco, dirige-se ao pblico, no centro do salo. Dirigem-se exatamente a mesa de som, dela tomam conta, deslocando, em um empurrno leve e amistoso, o tcnico contratado. Instalam-se ali mesmo, no lugar dele, junto da mesa, com outros sequenciadores, outros *samplers* e outros pedais de efeito. Passam a improvisar, descontroladamente, enquanto operam os equipamentos ao vivo, em meio as microfonia que, at ento, haviam se sustentado. A ao se desenrola por mais alguns minutos, com o pblico em volta, atento, sem se dispersar, acompanhando aquela inusitada operao ao redor da mesa de som, no meio do salo. Sound Control.

Ao lado de Islington Mill e Sound Control, muitas outras casas de *shows* poderiam ser visitadas. Muitas delas, em verdade, foram – tais como Deaf Institute, The Ritz, Band on The Wall, The Castle Pub, Ruby Lounge e Soup Kitchen¹⁶. Seria otmimo se pudéssemos, com mais tempo e espao disponveis, detalhar o tipo de pblico que atraem, o tipo de artistas que acolhem, as microcenas que instauram, as festas que proporcionam regularmente, para alm das *performances* ao vivo. Um mapeamento mais abrangente exigiria tais detalhamentos. Exigiria tambm menao as compatibilizaes, as trocas e aos fluxos que se do entre elas. Evidentemente, existem “orientaes” comuns. Assim como devem existir nichos de explorao particularizada. Portanto, eles precisariam ser mostrados. Todos. Seria possvel ento determinar onde certos artistas mais aparecem, onde se encontraria uma faixa de pblico qualquer. Dentre outras angulaes que, por ventura, fossem solicitadas.

Cartografar, como sabemos, e expor as ranhuras do terreno investigado. E flagrar os movimentos que do vida e dinmica a um territrio. E o que pretendemos fazer na continuidade do estudo, to logo se configure outra oportunidade. O prprio adensamento das descries aqui feitas, nos espaos aqui escolhidos, seria igualmente desejvel. Por ora, no entanto, acreditamos ter em mos



Figura 2. A Place to Bury Strangers, ao vivo (fotografia gentilmente cedida por Benjamin Halligan).

Figure 2. A Place to Bury Strangers, live (photograph kindly given by Benjamin Halligan).

um registro inaugural, um material suficiente, instrutivo e promissor. Parece-nos oportuno ento um primeiro esforo conclusivo.

Melancolia e celebrao

Por que, afinal de contas, Manchester possui um passado musical to forte, repleto de nomes e contribuies to importantes? Os dados e as informaes que coletamos formam um conjunto muito irregular. Alm disso, so levantamentos preliminares. Com eles, poderamos apenas formular algumas hipoteses gerais, a serem testadas em um futuro prximo. Primeiro: a populao de imigrantes. Embora no seja uma capital ou uma grande metrpole, trata-se de uma cidade bastante multicultural, que se constituiu, historicamente, a partir dos fluxos migratrios que recebeu, provocados pela necessidade de emprego, a busca de ascenso social e melhores condies de vida. So imigrantes irlandeses, africanos e asiaticos; so imigrantes do leste europeu e do oriente mdio que se veem ento convivendo. Segundo: e a primeira cidade industrial (e,

¹⁶ O Soup Kitchen mereceria um captulo a parte. Foi o clube que mais frequentamos, entre fevereiro e maio de 2015, motivados no s pelo ambiente agradvel e pela comida, boa e barata, mas, principalmente, pela rica agenda de concertos e atividades dirias. E um importante polo da cena. E um ponto de encontro de msicos, profissionais liberais, boemios e agitadores. O jornal *The Guardian*, com justia, deu-lhe destaque em uma matria intitulada “10 of the best UK clubs – chosen by the experts” (*The Guardian*, 2015).

consequentemente, a primeira cidade pós-industrial) do planeta. E essa memória do ambiente fabril, assim como produz uma determinada sensibilidade, um “hábito cognitivo”, se faz visível em toda parte, parece estar impregnada na paisagem, como se fosse uma tatuagem. Terceiro motivo: é uma cidade fria, onde chove quase o tempo todo – e o frio obriga a inventar saídas, usar a criatividade para que se possa obter diversão em lugares fechados.

Mas há outras razões. Por exemplo: há um forte senso de comunidade. Há um evidente “orgulho local”, que se expressa muito, como bravata, em uma resistência e em uma oposição a Londres, vista geralmente como o centro do Poder, o coração do capitalismo informacional, o berço da Monarquia. É uma lógica binária, por certo, redutora e caricatural. Mas é inegavelmente eficaz, se reconhecermos as consequências, a operatividade e as repercussões que têm. De um lado, os ricos, a aristocracia, a Família Real; de outro, os trabalhadores, brutos e assalariados.

Em uma hipersimplificação, os sons de Manchester podem ser compreendidos como se oscilassem entre dois polos: celebração e melancolia. Haveria, naquela musicalidade, algo como uma “melancolia celebratória”. Os grupos locais, em sua grande maioria, estariam próximos de um polo ou de outro. Muitas vezes, estariam propondo soluções ou ênfases específicas, testando articulações ou negociações entre os dois extremos.

Alguns artistas chegam a reconhecer, positivamente, que se trata de uma cidade pequena, onde tudo está apenas a um grau de separação. Tudo o que você quiser (um instrumentista, um produtor, um *designer*, um engenheiro de som, um *performer* qualquer, com algum talento, alguma habilidade ou alguma marca estética muito determinada), você irá conseguir com apenas uma ligação, um telefonema comum. Nada mais. O fato, portanto, de que Manchester não é uma megalópole mundial, uma cidade gigantesca, impossível de apreender em sua totalidade, como Londres, Tóquio ou São Paulo, de algum modo, beneficia o ambiente criativo, torna os vínculos mais facilitados, contribui tanto para o encontro e a viabilização das parcerias quanto para a construção de um senso de pertencimento e para a autocompreensão de uma unidade identitária-cooperativa, com pequenos sulcos, misturas e variações internas.

Poderia se mencionar, por fim, a importância das universidades e dos cursos de música que, ainda hoje, são oferecidos e procurados com regularidade. Ou seja: há uma feliz conjunção de múltiplos fatores que, quando somados, podem mesmo ter auxiliado, podem mesmo ter dado as bases estruturais para que, a partir daí, a vida

cultural e as cenas musicais proliferassem, adquirissem tanto peso e tanta relevância. Além disso, Manchester parece uma cidade ágil, que não precisa de um aparato midiático-empresarial pesado para funcionar e para fazer o mundo funcionar à sua volta.

Referências

- ATKINSON, D. 2015. 10 reasons why Manchester is the UK's new cultural hotspot. *Rough Guide*. Londres. Disponível em: <http://www.roughguides.com/article/10-reasons-why-manchester-is-the-uks-new-cultural-hotspot>. Acesso em: 18/03/2015.
- BEZ, 2000. *Freaky Dancin'. Me and the Mondays*. London, Pan Macmillan, 352 p.
- CORBIJN, A. 2007. *Control*. Inglaterra, EM Media, 121 min. [DVD].
- CURTIS, D. 1995. *Touching from a Distance. Ian Curtis and Joy Division*. London, Faber and Faber, 208 p.
- FERNÁNDEZ PORTA, E. 2008. *Homo Sampler. Tiempo y consumo en la Era Afterpop*. Barcelona, Editorial Anagrama, 384 p.
- FLETCHER, T. 2014. *The Smiths. A Light That Never Goes Out. A biografia*. Rio de Janeiro, Editora Best Seller, 704 p.
- GODDARD, M.; HALLIGAN, B. (orgs.). 2010. *Mark E. Smith and The Fall: art, music and politics*. England, Ashgate Publishing Ltda, 210 p.
- GREGORY, B. 2012. *Manchester: Beyond Oasis*. [Filme]. Manchester, Serious Feather. Vimeo. 86 min. Disponível em: <https://vimeo.com/43136272>. Acessado em 04/03/2015.
- HANLEY, S.; PIEKARSKI, O. 2014. *The Big Midweek. Life inside The Fall*. London, Route Editions, 400 p.
- HASLAM, D. 1999. *Manchester, England. The story of the pop cult city*. London, Fourth State, 320 p.
- HERRON, A. 2015. This charming Manchester: is Morrissey's city still recognisable? *The Guardian*. Londres, 04/02/2015. Disponível em: <http://www.theguardian.com/cities/2015/feb/04/manchester-morrissey-the-smiths>. Acesso em: 04/02/2015.
- HOLDEN, C. 2012. Manchester: Beyond Oasis. *Mancunian Matters*, 31/03/2012. Disponível em <http://www.mancunian-matters.co.uk/content/310353884-citys-music-scene-celebrated-new-documentary-manchester-beyond-oasis>. Acesso em: 04/03/2015.
- HOOKE, P. 2009. *The Hacienda. How not to run a club*. London, Pocket, 368 p.
- HOOKE, P. 2012. *Unknown Pleasures. Inside Joy Division*. London, Simon & Shuster, 416 p.

- MIDDLES, M. 2002. *From Joy Division to New Order. The true story of Anthony Wilson and Factory Records*. London, Virgin Books, 320 p.
- MIDDLES, M.; READE, L. 2011. *Torn Apart. The Life of Ian Curtis*. London, Music Sales Corp, 322 p.
- MORRISSEY. 2013. *The Autobiography*. London, Penguin Books, 464 p.
- NOLAN, D. 2010. *Tony Wilson. You're entitled to an opinion... The high times and many lives of the man behind Factory Records and The Hacienda*. London, John Blake, 288 p.
- PRYSTHON, A. 2008a. "Here are the young men". Os sentidos da nostalgia no rock do cinema. In: Encontro da Comps - Associao Nacional de Programas de Ps-Graduao em Comunicao, XVII, So Paulo, 2008. *Anais...* UNIP, 16 p. Disponvel em: http://compos.org.br/data/biblioteca_388.pdf. Acesso em: 15/03/2015.
- PRYSTHON, A. 2008b. Um conto de trs cidades. Mscica e sensibilidades culturais urbanas. *E-Compós - Revista da Associao Nacional dos Programas de Ps-Graduao em Comunicao*, 11(1):1-13.
- RANDALL, L. 2013. *Noel Gallagher. The biography*. London, John Blake, 274 p.
- READE, L. 2010. *Mr. Manchester and the Factory Girl. The story of Tony and Lindsay Wilson*. London, Plexus Publishing Ltda, 192 p.
- ROBB, J. 2001. *The Stone Roses and the Resurrection of British Pop*. London, Ebury Press, 256 p.
- ROBB, J. 2009. *The North Will Rise Again. Manchester music city (1977-1996)*. London, Aurum Press, 394 p.
- ROGAN, J. 2012. *Morrissey & Marr. The several alliance*. London, Omnibus Press, 620 p.
- RYDER, S. 2011. *Twisting my Melon. The autobiography*. London, Bantam, 384 p.
- SHAVIRO, S. 2015. *No Speed Limits. Three essays on accelerationism*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 60 p.
- SILVEIRA, F. 2013. *Rupturas Instveis. Entrar e sair da msica pop*. Porto Alegre, Editora Libretos, 160 p.
- SILVEIRA, F. 2015. Acelerao destrutiva. *Portal Culturssima*. Disponvel em: <http://culturssima.com.br/category/colunitas/fabricio-silveira>. Acesso em: 06/05/2015.
- SIMPSON, D. 2008. *The Fallen. Searching for the missing members of The Fall*. Edinburgh, Canongate Books, 328 p.
- SIMPSON, D. 2011. Has Manchester forgotten about its musical heritage? *The Guardian*. Disponvel em: <http://www.theguardian.com/culture/2011/jul/04/manchester-music>. Acesso em: 04/03/2015.
- SMITH, M. 2009. *Renegade. The lives and tales of Mark E. Smith*. London, Penguin Books, 240 p.
- SPENCE, S. 2014. *Happy Mondays. Excess all areas: a biography*. London, Aurum Press, 352 p.
- SPENCE, S. 2013. *The Stone Roses. War and Peace*. London, Penguin Books, 352 p.
- SPURLOCK, M. 2004. *Super Size Me. A dieta do palhao*. [DVD]. EUA, The Con, Samuel Goldwyn Films/Imagem Filmes, 100 min.
- THE GUARDIAN. 2015. 10 of the best UK clubs - chosen by the experts. Disponvel em: <http://www.theguardian.com/travel/2015/feb/19/top-10-uk-clubs-chosen-by-experts>. Acesso em: 01/03/2015.
- TUCKER, B. 2012. Punk places. The role of space in subcultural life. In: Z. FURNESS (org.), *Punkademics. The basement show in the ivory tower*. New York, Minor Composition, p. 213-215.
- WINTERBOTTOM, M. 2002. *24 Hours Party People*. England, Baby Cow Productions Ltda., Channel Four Films, Film Council, Revolutions Films and WAVEpictures, 117 min. [DVD].
- WOLSTENCROFT, S. 2014. *You Can Drum But You Can't Hide. A memoir*. London, Strata Books, 284 p.

Submetido: 30/05/2015

Aceito: 15/06/2015